

ASTRONOMIA INDÍGENA – NA LÍNGUA E NOS CONTOS INDÍGENASAndreila S. Souza^{1*}, Ádrian K. C. Melo², Lorena S. Brito³,Nelissa L. Gaia⁴, Taíres N. Souza⁵, Nélio M. S. A. Sasaki⁶

1,2,3,4,5. Estudante de IC do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Astronomia da UEA.

6. NEPA-UEA - Núcleo de Ensino e Pesquisa em Astronomia/Orientador

Resumo:

Este estudo teve como objetivo aproximar a Astronomia da realidade cultural dos alunos indígenas. Neste contexto, realizamos entrevistas e coleta de contos indígenas; buscamos nas diversas manifestações dos povos a visão de mundo que os particulariza. Os alunos interagem com o meio ao seu redor, e fazem registros que passam de geração para geração. Esses muitos conhecimentos e saberes oriundos da aprendizagem não formal são aprendidos e ensinados. Através da oralidade e posterior escrita o homem tem transmitido sua maneira de ver o mundo ao seu redor demonstrando como o mesmo interage com os fenômenos naturais. Assim, a mesma Gaia que alimenta, que protege, também é a mesma que amedronta e que corrige. Procuramos ouvir os povos indígenas e os alunos; fizemos um levantamento dos materiais disponíveis para o ensino de Astronomia indígena. Percebemos que através da ciência Astronomia podemos recuperar a identidade indígena já quase esquecida.

Autorização legal: FUNAI.**Palavras-chave:** Astrolinguagem; Astronomia Indígena; Letramento Científico.**Apoio financeiro:** UAI, PLOAD, OAD, CNPq, FAPEAM.**Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição:** UEA.**Introdução:**

Neste trabalho, buscou-se registrar a maneira como os indígenas do Amazonas veem e interpretam o mundo ao seu redor. Através de entrevistas com indígenas, análises de contos, mitos e toadas pudemos ter uma noção de como se dá essa percepção do mundo exterior: como é a relação dos indígenas com a natureza e com os fenômenos naturais. No desenvolvimento deste processo, esse estudo contribuiu significativamente para a melhor compreensão da cultura indígena e para a reafirmação – como um povo com história, linguagem e descendência - dos nativos de Parintins e região. Após visitas às escolas e diálogo com profissionais da Educação e pais de alunos, notamos que não há cartilhas nem livros que ensinam a Astronomia indígena escritos na língua materna daquele povo. Esse foi um dos motivadores deste trabalho. Afinal, com o tempo, o indígena caminha cada vez mais ao “aculturação”, ao ponto de não mais reconhecer os mitos, os contos e o significado de suas toadas. Segundo os dados do (IWGIA, 2015) há cerca de cinco mil povos indígenas no mundo, o que corresponde a mais de 370 milhões de pessoas. No Brasil, são pouco mais que 113 mil indígenas somente no Amazonas (IBGE,2010). A falta de material paradidático em língua nativa faz com que os professores indígenas usem livros e materiais didáticos em português para ensinar Astronomia. Ficando assim, a Astronomia Indígena rejeitada e/ou esquecida nas salas de aulas, presente apenas nos rituais e saberes dos anciões. Neste sentido, a primordial preocupação deste trabalho foi resgatar o saber indígena e ensinar a Astronomia Indígena aos indígenas, uma missão que soaria incoerente à primeira análise. Todavia, esta é a realidade de um conhecimento que, gradativamente, se esvai. Como quase não há registros de contos e mitos destes povos, tivemos que partir para entrevistas com nativos, questionários aberto-fechado com os alunos e professores, levantamento bibliográfico disponível nas poucas bibliotecas existentes e a análise das letras das toadas que relatam a visão indígena do mundo. Ao final, buscou-se fortalecer o processo ensino/aprendizagem que ocorre em sala de aula e extrapolar conceitos e definições.

Deixando também a cargo das famílias o ensino desta ciência.

Metodologia:

Este estudo foi realizado com base nos relatos dos anciões dos povos indígenas Sateré Mawé e Hyxkariana, ambos no interior do Amazonas. Além das entrevistas, também separamos materiais na internet que falam sobre os mitos indígenas. Mesmo tais mitos não sendo exatamente desses povos, entendemos que o estudo dos saberes indígenas entre os próprios indígenas foi o ponto de partida para que pudéssemos construir algo maior e bem mais rico em termos de saberes, folclores, lendas e mitos indígenas. Também foram analisados textos em prosa e verso onde os indígenas expressam seu olhar sobre o mundo ao seu redor. Buscamos também nas músicas, letras de toadas, a maneira como os povos indígenas cantam seus medos e suas vitórias diante um céu repleto de manifestações divinas e predicções. Unimos diferentes constelações dos mais diferentes povos indígenas brasileiros e unificamos os mitos e contos aos indígenas da América Hispânica. Para alcançar os resultados pretendidos, utilizamos seções de Astronomia no Planetário Digital de Parintins, onde foram trabalhadas diferentes constelações indígenas de diferentes etnias. Foram preparados cursos de 8h de duração voltados para os professores da rede básica de Educação amazonense sobre a temática indígena. Também incentivamos alunos e professores a realizarem oficinas em que os mesmos produziam um texto (uma cartilha) usando a carta celeste indígena e seus mais diversos asterismos.

Um ponto positivo foi ver o indígena como agente construtor do conhecimento, que neste caso, deu-se através de sua língua materna. Assim, o estudo da Astronomia Indígena de outros povos espalhados pelo território nacional pelos indígenas amazonenses levaram –os a conhecer mais própria cultura encorajando-os a redefinirem-se como povo.

Resultados e Discussão:

Nas entrevistas, notamos que há muito conhecimento contido nas histórias e estórias contadas pelos anciões. O registro em português foi o primeiro passo para a elaboração de material paradidático em língua nativa. Do ponto de vista linguístico, essa última tarefa não foi trivial, afinal, nem todos os povos indígenas possuem um dicionário linguístico. A

troca de experiência entre mitos, contos e lendas indígenas dos povos da região norte com os do sudeste (Pataxós) por exemplo, enriqueceram as aulas dos professores e abriram o leque de oportunidades para os alunos resgatarem na memória o que, por via oralidade sem recursos da escrita, ouviram de seus pais e anciões. O uso da instrumentação astronômica, assistido pelo NEPA, permitiu a interação, treinamento e identificação das constelações indígenas no céu. As oficinas textuais trouxeram à tona tanto a origem quanto o orgulho indígena. No relato do aluno “A”: *“que interessante saber dos conhecimentos dos demais parentes. Eu não sabia que os saberes indígena era tão rica.”* A comparação entre as línguas, contos e mitos indígenas brasileiros e da América Hispânica permitiu aos professores amazonenses abordarem uma “literatura indígena comparada”, em que a astrolinguagem sobrepôs tais mitos através da unificação das cartas celestes.

Conclusões:

Além de aproximar gerações indígenas distantes em tempo e em espaço, o estudo e compreensão da Astronomia Indígena - presente no imaginário indígena - permitiu aos jovens indígenas o resgate do orgulho de ser quem são e pertencerem à parcela de indígenas brasileiros que detêm narrativas ainda vivas pois estas relacionam-se com o cotidiano destes povos. Contribuiu, também, para a continuidade do uso da língua materna e para a sequência de uma cultura que segue de pai para filho. Em suma, o processo de “se ver no outro” começa a ampliar os conhecimentos dos povos indígenas sobre seus próprios saberes. E através das oficinas, eles mesmos produziram textos (prosa e versos) e cartilhas em sua língua materna e também em português. Esperamos que o material coletado e transformado em língua nativa sirva de incentivo para os futuros alunos indígenas aprenderem mais sobre sua origem e o jeito de seu povo pensar o universo.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa** (1º e 2º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. (3º e 4º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: MEC, 2000.

AFONSO, G. B., **Galileu e a Natureza do Tupinambá**. Scientific American Brasil, n.84, p.60-65,2009.

AFONSO, G. B., **Etnoastronomia dal Brasile**. Le Stelle, Roma, v.19, pp.84-86, 2004.

MORAES, J. G. V., **História Geral e Brasil**. Ed.Saraiva. v. 1,2,3., 2012.

COTRIM, G.; FERNANDES, M., **Fundamentos de Filosofia**. Ed. Saraiva, 2012.

MINCHILLO, C. C.; TORRALVO, I. F., **Linguagem em movimento**. Ed. FTD, v.1, 2012.

MINCHILLO, C. C.; TORRALVO, I. F., **Linguagem em movimento**. Ed. FTD, v.2, 2012.

AMARAL, E.; FERREIRA, M.; LEITE, R.; ANTÔNIO, S., **Novas Palavras – Nova Edição**. Ed. FTD, v.1, 2012.

PONTARA, M.; ABAURRE, M.B. M.; ABAURRE, M. L. M., **Português – Contexto, Interlocução e Sentido**. Ed. Moderna, v. 1, 2012.

PONTARA, M.; ABAURRE, M.B. M.; ABAURRE, M. L. M., **Português – Contexto, Interlocução e Sentido**. Ed. Moderna, v. 2, 2012.

PONTARA, M.; ABAURRE, M.B. M.; ABAURRE, M. L. M., **Português – Contexto, Interlocução e Sentido**. Ed. Moderna, v. 3, 2012.

MAGALHÃES, T. C.; CEREJA, W. R., **Português Linguagens**. Ed. Saraiva, v.1,2012.

MAGALHÃES, T. C.; CEREJA, W. R., **Português Linguagens**. Ed. Saraiva, v.2,2012.

MAGALHÃES, T. C.; CEREJA, W. R., **Português Linguagens**. Ed. Saraiva, v.3,2012.

JECUPÉ, K. W., **A Terra dos mil povos: História indígena do Brasil**. São Paulo, Peirópolis, 1998. (Série Educação para a Paz).

YAMÃ, Y., **Kurumi Guaré no Coração da Amazônia**. São Paulo: FTD, 2007.

MELLO, T., **Amazonas: Pátria da água = Water Heartland**. Texts e poemas. São Paulo: Boccato, 2007.

TOADAS DO BOI CAPRICHOSO. Disponível em: < <http://www.boicaprichoso.com/toadas.asp> >. Acesso em 20 de mai 2016.

TOADAS DO BOI GARANTIDO. Disponível em: < <http://www.letras.com.br/boi-garantido> >. Acesso em 20 mai 2016.